



O Diálogo dos Tempos

De formas variadas, a maioria das narrativas consideradas fazem basicamente um exercício de periodização, na qual se comparam as continuidades e descontinuidades entre o tempo do cativo e o tempo da liberdade. Se a mobilidade espacial e o trabalho familiar aparecem como os principais marcos definidores da nova experiência de liberdade, o trabalho duro nos campos e a continuidade do poder dos fazendeiros aparecem apropriados como os principais eixos de continuidade entre o tempo do cativo e o tempo da liberdade.

O preto era o mais sacrificado do mundo, a cor preta era *escravidão*, ninguém gostava, tinha racismo, o preto não tinha valor pra nada. A coisa era triste mesmo, era triste lá uns tempos atrás. Depois que acabou o cativo ficou uns 40, 50 anos naquela escravidão ainda, que nem onça...já não havia mais coró ...mas às vezes ainda batiam em algum, até matavam mesmo. Mesmo depois da escravidão.

Eu mesmo ainda fui muito sacrificado na minha vida de criança...eu tinha um sacrifício danado. Eu com idade de 14 anos estava capinando....trabalhando pros outros, passando mal, dormindo mal dormido, comendo mal comido...eu fui escravo do mundo. Eu fui escravo do mundo. Escravo do mundo...meu pai foi escravo de fazendeiro, eu fui escravo do mundo, sofri muito. (S. Julião, RJ, 81 anos, 27/10/95)

Morar em casa de fazenda é isso aí. Papai brigava com o fazendeiro, ia embora. Carregava tudo que era plantação, bicho, não é, Ninha? Era muita coisa. Tinha que levantar três horas da madrugada pra moer cana. Às vezes tinha 30 caixas de colheita por semana. Brigava com o fazendeiro, ele arrancava a colheita. Chegava em outro lugar, ele tornava a plantar de novo. Até lá em Queimados ele chegou a fazer isso, na Baixada Fluminense ele plantou roça. (...)

Café, cana, plantava arroz, colhia arroz. Esse mês agora de novembro e dezembro, a gente não esquece, a gente guarda a data na cabeça, é mês de plantar arroz de novembro e dezembro, é mês de plantar arroz. Eles punham os moleques para tomar conta, pra não deixar passarinho, agora vê, não deixar passarinho comer arroz. Passarinho comia mesmo. “olha, toma conta direito, cuidado, héin”. Prometia bater, mas não me lembro se batia não. Isso não me lembro. Minha mãe me falava assim: “No dia em que bater no meu filho, a gente vai embora”. Ela falava, mas ela batia. Ela batia muito, a gente não podia fazer assim...hum. não podia fazer assim, já era malcriação. Deus me livre fazer assim.

Vida triste, meu Deus, Deus que me perdoe, vida triste mesmo, parecia vida de escravo mesmo. A gente era colono, você não se mandava, podia ser a hora que for, se uma vaca atolasse no brejo, ia nas casas do colono, tinha que levantar pra tirar a vaca do brejo. Você não se mandava, tinha que sair.

Às vezes até o patrão mandava, não podia responder. Aí eu falava, minha mãe foi escrava, eu não sou. Minha mãe foi escrava, eu não sou. Até que mamãe falava, vamos embora, arruma aí. Fumava cachimbo, minha mãe fumava cachimbo, acendia o cachimbo dela, ela não bebia café, não comia nada, aquele cachimbo na boca e saía. Trouxa na cabeça, outros levando santinho, e ia embora, não tinha esse negócio não, ia embora. (D. Nininha, RJ, 59 anos, 19/09/1994)

Já ia e nesse tempo aí não trabalhava assim como escravo, pegava talhão de café, cada um pegava seu talhão ...uma quantidade grande. Cada um tinha que dar conta daquilo. Hoje em dia fala empreitada. Aí quando acabava de capinar aquele café todo, os homens chegavam cá embaixo e recebiam aquele dinheiro e ficavam com aquele dinheirinho na mão. Eles também plantavam e colhiam milho, arroz,

feijão, mas aí não era pro fazendeiro, já era pra eles. (D. Zeferina, RJ, 66 anos, 15/05/1995)

Um dia meu pai fez uma roça num lugar chamado São Lourenço. Meu pai deixou de trabalhar na turma aquele dia e foi capinar a roça dele. Aí o fazendeiro mandou tirar a cerca e botou os bois tudo pra comer, comeram a roça toda. Meu tio estava chegando e foi lá avisar meu pai. Quando chegou lá que viu aquilo, tio Cornélio viu aquilo e falou assim: “Meu Deus, ah, eu não fui trabalhar hoje, aí o fazendeiro mandou o apontador vir aí, abrir e botar os bois pra comer tudo, quer dizer que ninguém vai ficar rico no terreno dele não”. Aí o meu tio disse: “Sai daí e vamos embora lá pra casa, eu já te chamei. Enquanto muitos já foram embora, tu tá preso na coleira do fazendeiro toda vida, é?”. Aí meu tio levou nós todos. Sabe o que ele fez? Cada um pegou um trapo, sabe como é que era? Porque não tinha nada, era tralha, está me entendendo? A mudança da gente era tralha. Era aqueles cavaletes, sacos, botava umas táboas assim em cima da outra, de forquilha enfiada assim na beirada da parede, botava bambu com cipó e botava capim... a gente era um bicho, não vamos falar não, nem vale a pena... (Cornélio Cansino, RJ, 82 anos, 09/05/1995)

Ela foi do tempo dos escravos, a minha patroa, foi sinhá. Foi sinhá da minha avó. A minha patroa, não é? Ah! Ela xingava, jogava coisa em mim, que eu não fazia, que eu não fazia. Me xingava de puta parida, puta fingida, puta não sei de que, puta puta não sei o que. Quando ela via passar algum negro pra lá, pra cá, é mais que ela xingava.

(...)

Então a senhora acha que a minha vida foi dura? A mesma coisa que a escravidão eu passei. Não fui escrava, nem minha mãe não foi, mas passei a mesma coisa que a escravidão. Porque minha patroa era do tempo de escravo, da escravidão, ela desde criança ela nasceu no tempo da escravidão e ela foi crescendo assim naquela coisa.

(...)

Continuei como os escravos, a mesma coisa, porque a minha mãe era empregada da minha patroa. Tinha minha mãe que era filha da escrava, daquela minha avó. Ela era pajem de criança. Trabalhava na casa grande. Naquele tempo era cativo, era cativo. Ela era livre, mas trabalhava com a patroa. Olhava criança. Aí que está o negócio. Até apanhava. Minha patroa era cria ruim mesmo. Então agora eu vou contar um pedacinho disso aí. (Maria Francisca Bueno, SP, 106 anos, 09/05 e 16/05/1987)

Os meus bisavôs chegaram a roçar. Derrubaram mata pra ser construída a fazenda. Enfrentavam perigo de onça, sofriam como escravo. Comendo mal. Mal vestido. Sofrendo com frio, chuva. E muita outras coisas que não se deve nem contar. (Benedita, SP, 80 anos, 15/08 e 16/08/1987)

O trabalho duro e as arbitrariedades dos fazendeiros marcam as continuidades entre o tempo do cativo e o tempo da liberdade nas narrativas sobre a infância dos depoentes, continuidades que só os anos 30 e o processo de urbanização viriam quebrar. A mobilidade espacial e a valorização do controle do trabalho familiar marcariam, porém, muitas descontinuidades, celebrando o tempo da liberdade. Nas narrativas analisadas, as figuras da Princesa Isabel e de Getúlio Vargas aparecem muitas vezes associadas, tomadas como recursos de periodização que relacionam história e memória a partir das vivências familiares ou pessoais.

O tempo do rei é o que papai contava. Mas eu não lembro nada. Ele contava que havia leis severas. Que tinha força... Acho que primeiro acabou... o cativo, e ainda ficou um pouco o rei, não? Quando acabou o cativo, os fazendeiros não quiseram mais a Dona Isabel. Já que ela acabou o cativo, então eles disseram: Então não queremos mais ela como rainha. Aí ela perdeu a coroa. Perdeu a coroa e foi se embora em França... e aí, acho que ficou ainda, não, o rei? O rei foi deposto, foi um... um general que depôs ele... (Benedita, SP, 80 anos, 15/08 e 16/08/1987)

Aí acabou a escravidão e o pessoal começou a se juntar tudo, da onde saiu a gente também, dessa família. Acabou os escravos, foi a Princesa Isabel que libertou, então acabou os escravos e aí todo mundo viveu normal com a graça de Deus. (Júlia, RJ, 62 anos, 12/11/1994)

Quem mandava aqui era eles, eles eram donos do mundo....a Princesa Isabel acabou com o cativo, mas depois continuou o aperto ainda. Quem derrubou um bocado desse aperto foi Getúlio Vargas, em 1930, foi derrubando, derrubando, derrubando e acabou com o cativo...até acabou com o aperto, não é cativo não, é o aperto. O cativo acabou em 1800 e pouco, o cativo tem uns 100 anos, mais de 100 anos que acabou. Fez 100 anos em 1998...1888 fez 100 anos. Mas o pessoal continuou a sofrer. Em 30 que houve a libertação, que antes disso, de 30, os fazendeiros ainda prendiam os camaradas a força. Botava na frente, levava a cavalo...não tinha lei. Depois que o Getúlio acabou com esse negócio...botou lei, lei, lei até que mataram ele depois. Quem botou a lei foi Getúlio, antes não tinha lei não. (S. Julião, RJ, 81 anos, 27/10/95)

Aí depois do Getúlio Vargas, aí veio a liberdade. Pra nós aqui foi uma maravilha. Deus que tenha a alma dele em bom lugar. Aquilo foi um governo. Depois daquele governo, que os fazendeiro falavam em botar fogo na casa da gente! Antes podia estar doente que tinha que ir trabalhar na fazenda, aí depois que entrou o Getúlio Vargas aí sim que houve liberdade, houve libertação pra nós que era mais novo na fazenda. Mas qualquer coisa o fazendeiro falava em botar fogo. (Manoel Seabra, RJ, 78 anos, 10/12/1998)

Arthur da Silva Bernardes. Bernardes botou um bocado de gente lá na ilha das cobras. Ninguém podia falar nada do governo, virou Estado de Sítio, entendeu? Então, eu me lembro, eu nunca me esqueci disso, eu saí lá da roça na época do Bernardes. Foi nessa época, entendeu? Foi nessa época. E ele governou nessa época, de 22 a 26. Quando foi aquela Revolução de Trinta, que foi em 29, mais ou menos, era Washington Luís e Getúlio Vargas, candidatos, não é? E o Washington Luís,

não sei, aconteceu lá, tomou posse, não sei o que arrumaram lá que o Getúlio teve que entrar no peito, que ele era riograndense, que Minas revoltou com o Rio Grande do Sul, não é? Então Minas e Rio Grande do Sul, eu me lembro muito bem disso. O Washington Luís estava faltando seis meses para terminar, sumiram com ele, tiraram ele do poder. Faltava seis meses ainda, ele foi deposto pras Antilhas. Uma coisa assim: faltando seis meses para terminar o mandato dele, terminava em 1930. Aí o Getúlio entrou na ditadura. Entrou no peito.

Ah, minha irmã ...o Getúlio adiantou nosso povo. O Getúlio começou a lei, com Getúlio tinha lei, irmã. Não existia lei antes do Getúlio não, irmã. O Getúlio fez o Ministério, a polícia respeitava, o Exército respeitava, quem mandava nesses lugares aí. Ele é que botou o horário de 8 horas de trabalho, direito de não mandar o pessoal ir embora, que eles estavam mandando todo mundo embora da fazenda. Todo dia mandava embora mais. Eu já estava aqui na padaria, então o português falava assim: “tem que matar esse homem, tem que matar. Nós estamos perdendo, pois agora vamos perder tudo que estamos a fazende, quem manda no Brasil somos nós! Este homem está a estragare tudo. Tem que matar, tem que matar!”.

Ele veio aqui na fazenda São Mateus. Quebrou os troncos todos. Mandou quebrar os troncos todos, irmã. Libertou o exército, libertou o povo, e é oito horas de trabalho e só. Não tinha que trabalhar dia e noite mais não. Getúlio é que fez as leis, irmã. Todos os ministérios, não tinha onde recorrer não, antes de 1930 não tinha lei não. O povo, a gente era bicho. Olha aqui: não foi a Princesa Isabel que nos libertou não. Ela assinou, irmã, mas não fez nada não, irmã. Ela assinou a libertação, mas quem nos libertou do jugo da escravatura, do chicote, do tronco, foi Getúlio, Getúlio Dorneles Vargas. Papai falava assim: “Meu filho. Nunca houve no mundo governo igual a esse, meu filho”. Papai. Entendeu?

Mas muito pouca gente ficou na lavoura irmã, porque o fazendeiro estava mandando embora, fazendeiro mandava todo mundo embora. Aí o fazendeiro falava: “Arranja um lugar, que vocês não vão ficar aí não”. Por causa da reforma agrária, Getúlio falava na reforma agrária. Eles tinham medo de tomar a terra deles. Foi Getúlio, minha irmã, que libertou. Deus ilumine aquele espírito, que dê salvação

pra aquele espírito e a Princesa Isabel, que assinou. Mas eu vou te falar, irmã: coitado do pobre...(CORNÉLIO CANSINO, RJ, 82 anos, 09/05/1995)

Contemporaneamente, o tempo do cativo continua a ser evocado para caracterizar novas definições de liberdade.

O tempo do cativo. O caxambu teve origem no tempo do cativo. O negro não tinha jeito de tocar um instrumento, comprar uma sanfona, que trabalhava a troca da comida. Então era tempo de rei, da rainha, do magistrado, que uma velha que era comadre de minha mãe, que foi criada na senzala do cativo contava. Ela morreu com casco na mão igual de burro, você podia cortar assim com uma faca, qualquer coisa, que não chegava no sangue. De tanto socar arroz..., café, no pilão. A fazenda que ela foi criada é perto de Bom Jesus. Eles trabalhavam num galpão, mais ou menos de uns 30, 40 metros de comprimento, então tinha mais de 12 pilões. Chegava de tarde, a negada chegava, comia sua canjiquinha, até 10, 11 horas da noite tinha que socar ali um saco, dois sacos, três sacos, qualquer coisa. Porque aí não ocupava tempo de botar, como hoje, num carro, num cavalo. Não, a negada é que tinha que fazer de tudo em casa.

Eu sempre conto isso, quer dizer, é uma coisa passada pra mim, eu não vi, mas essa velha que foi criada nesse tempo, então ela sempre contava, chegava até a chorar, falava “minha filha hoje vocês estão na glória, no tempo que eu fui criada vocês não tinham liberdade de falar hoje eu quero comer isso, comer aquilo não, você tinha que comer aquilo que vinha no prato, igual a um porco.” Porque hoje até para um porco você fala assim, "ah fulano, o porco gosta mais de comida cozida, gosta mais de um inhame, gosta muito de uma batata”, não é? Naquele tempo não, você tinha que comer aquilo, se era feijão e angu, era angu mesmo; se era abóbora e mandioca, era abóbora e mandioca. Não tinha esse negócio de desejo não.

Chamava Bibiana, essa velha do tempo do cativo. Ela veio morar com a gente e minha mãe falou “dona Bibiana, a senhora não precisa trabalhar, não precisa nada. A senhora já está velha, vem aqui pra casa, a senhora vai fazer a comida pras crianças aqui. Pode fumar seu cachimbo. A senhora tem aqui o fumo da senhora, se

o cachimbo quebrar a senhora fala, que o Frauzino compra outro, a senhora não precisa esquentar. Tem sabão pra lavar sua roupa e se faltar qualquer coisa a senhora fala que o Frauzinho dá um jeito aí, nós damos um jeito, compramos, mas a presença da senhora aqui em casa é muito importante, pra tomar conta dessas crianças”. Tudo bem. Então ela fazia aquilo, às vezes sentava numa sombra, e nós fazendo o serviço, recolhendo o milho, ou catando o café, essa coisa, e ela contava. “É, coisa boa, já almoçamos, estamos todos de barriga cheia, comemos carne, arroz, macarrão, batatinha, verdura, isso, isso, aquilo... No meu tempo, meu filho, fui criada, era só aquela canjiquinha, é, feita na banha. Era separado. Porque dos reis, dos príncipe, da rainha, era aquela comidinha no jeito. Agora o cativo não, comia aquilo porque tinha que comer mesmo, tinha que encher barriga" (.....)

Do tempo do cativo o que ela contava mais era esse trabalho aí que eles faziam... Naquele tempo tinha o campeiro, o tropeiro, tinha quem trabalhava na guarda da fazenda e na senzala. O modo de trabalhar era igual como hoje, só que tem que o modo de trabalhar hoje nosso aqui é o de liberdade. Naquele tempo não tinha hora. Você acabava de comer, comia em pé, e acabava de comer ali, saía, não tinha esse negócio de falar “ah, vai me dar uma indigestão e coisa”, não. Se der deu, se não deu, morria pra lá, o cemitério estava ali mesmo. Não tinha esse negócio de preconceito não. Isso ela sempre contava. E o modo da roupa era aquele, o mais ruim que tinha. Sujeito tinha aquela muda, então chegava dia de sábado, domingo, então você ia praquelas encostas lá, você mesmo tinha que lavar aquilo e vestir. Não tinha esse negócio de “eu tenho a minha mãe, eu tenho a minha mulher, essa roupa hoje eu queria vestir essa bermuda mais engraçadinha, essa camiseta pra ficar mais fresquinha”. É a lei do cão, não é. Então ela contava e chorava. A velha contava, na hora da comida assim, muitas vezes largava até a comida. E já tinha passado, já tinha liberdade e coisa,. (...) A gente tratava ela de vó: “ô vó, ué, porque que a senhora largou a comida e está chorando assim?” “É, meu filho, eu choro porque eu me lembro e meu coração para. Que coisa triste é você amanhecer com uma dor de cabeça, ou com o corpo ruim para o serviço, e você é obrigado a avançar pelo serviço. Quem não fosse entrava no couro.”

(...)

Então, você podia mudar de patrão. Mas era assim, não era como hoje não, falar “você me acerta minha conta que amanhã eu vou embora, trabalhar com fulano (...)”. Não, não era assim não. Você tinha que chegar, se você era um dono daqui, aí você chegava aqui, ia lá olhar, olhava, olhava o sujeito, olhava o modo de lidar com o gado, lidar com os burros, que são os cargueiro e a tropa. E, então, chegava assim, “ô fulano, eu gostei daquele crioulinho que você tem ali. Você não quer dar uma troca? Uma troca, eu te dou fulano e ainda te boto tanto no fulano. Eu te dou fulano, quanto você quer de volta? Eu gostei, tem a perninha fina, aquilo deve ser esperto como um fuzil” No tempo do cativo se negro fosse com a batata da perna grande ele ia sofrer, porque não saía do setor não, que ninguém pegava. Era pesadão. Tratavam de boi carreiro “ah, esse aí é boi carreiro, esse aí pra mim não vale nada, esse aí vai pra roda de couro.” Então costumava você sair daqui, ele via o seu serviço aqui, se era inteligente, trabalhava com a tropa, trabalhava com boi carreiro, trabalhava com gado, fazia qualquer serviço, então você já tinha mais regalia. Não ia comer, nem vestir, nem coisa, como eles lá não, você entendeu como é que é? Seu serviço era um serviço mais maneiro, ... já tinha mais liberdade, “ô fulano, vai lá na Bernarda, leva esse pacote, entrega pra fulano lá”. Então, você era mais bem tratado.

Agora eu tenho um neto aqui pra quem eu falo “é, nêgo, se fosse no tempo do cativo você já tinha morrido cedo”, já tinha desbundado na roda de couro. Hoje o mais ruim é o que pede mais ordenado. O mais ruim de serviço é o que pede mais dinheiro, “ah, eu só vou lá por tanto”, e assim e assado, e se você não pagar, ele não vai nada. Se você chegar aqui na minha, na sua casa, você dá um prato de comida, se chegar lá ele dá uma xícara de café. Naquele tempo não tinha esse negócio não. Você tinha que chegar da onde você veio e voltar. Se você fugisse, se você fugisse do serviço ou do setor, você ficava quieto. Porque sabia que quando você chegasse em qualquer região, logo o portador vinha aqui. “Chegou um negro seu lá. Chegou aqui eu segurei ele tal, e tal, assim, assim, assim”. “É um negro assim, assim, os olhos apertadinho, é, o cabelo meio liso, a perninha fina?” “É esse mesmo.” Aí o capataz ia lá. Mas você sabe como é que ele vinha, de lá pra cá? Se ele agradasse de você, lá você ficava, ainda ficava na boa, mas se não agradasse, eu

que era capataz daqui ia te buscar lá. Mas chegava lá, eu te amarrava no rabo da minha mula, você vinha acompanhando, correndo, a minha mula na marcha, você correndo atrás amarrado com a mão no rabo dela assim, até chegar aqui no barracão. Chegava aqui você ainda entrava na roda do couro. Entendeu? Hoje, eu sempre falo, hoje, vocês não dão valor à princesa Isabel. Hoje nós temos liberdade pra tudo, a gente chega na casa até de um príncipe aí e ele arranja até um lugar pra dormir, arranja uma roupa, arranja comida, entendeu, trata a pessoa com senhoria. Antigamente não senhor. Você tinha que chegar lá fora, batia palma, “o que você quer, negro?” “Ah, eu vim trazer esse bilhete assim, assim, assim”, “Pode chegar, passa do lado do portão, abre lá e chega aqui”. Chegava e entregava o bilhete. Você não tinha direito de pisar no terreno não, que se você pisasse sem falar nada, quando você via, já tinha 3, 4 capataz com rede, daquelas de boiadeiro e o pau já estava comendo. Pegando mesmo: “chegou um negro aqui, foi entrando aqui, nós estamos segurando ele, não sei o que ele vai fazer”. Hoje não. Hoje nós temos a nossa liberdade. Chegamos, “cadê seu fulano?” “Ah, manda ele entrar aqui”. Vamos até no palácio do rei. Agora, essa pessoal que era do tempo do cativo... Isso aí é que foi uma coisa... (A.R.S., ES, 09/02/1994).

.No tempo do cativo tinha que trabalhar pra eles. Hoje tem horário de sair...vamos supor: trabalha até 4h, 5h. Dizem que antigamente não tinha sol, não tinha chuva, não tinha horário pra parar de serviço, tinha que trabalhar até de noite. Trabalhar pra eles. Assim pros donos mesmo da terra. Aí chamavam de escravo. Muita gente falava: “Ah, não vou trabalhar de escravo pra ninguém, não sou cativo!”. Porque hoje a pessoa não faz isso, não trabalha de noite mais, tem horário pra parar de serviço. Tem hora de pegar... Antigamente não, tinha que trabalhar de noite. Dizem que os escravos mais velhos às vezes ficavam no pé do eito, do serviço e ficavam ali. À noite eles vinham e mandavam eles trabalhar, saísse a hora que saísse, tudo bem como eles quisessem. Noite escura eles estavam trabalhando. Agora não, agora não tem disso não. Agora não. Agora eles tem horário de pegar, tem horário de largar. **Acabou o cativo.** (M.B..M., ES, a depoente não sabe a idade, 10/10/1994)